



NEWSLETTER

Dezembro/2018



ENAIQ recebe o presidente da Câmara dos Deputados e o futuro secretário de Produtividade e Emprego do governo Bolsonaro

A Abiquim recebeu o presidente da Câmara dos Deputados, o deputado federal Rodrigo Maia (DEM-RJ), e o futuro Secretário Geral de Produtividade e Emprego do governo do presidente eleito Jair Bolsonaro, o economista Carlos Alexandre da Costa, durante a 23ª edição do Encontro Anual da Indústria Química – ENAIQ, no dia 7 de dezembro de 2018, que reuniu 575 participantes no Hotel Unique, em São Paulo. Durante suas apresentações, ambos os convidados demonstraram compromisso com uma agenda política e econômica para os próximos anos voltada para o crescimento do setor produtivo.

Segundo Rodrigo Maia, para ajustar as contas públicas e criar base sólida para o crescimento, não haverá outra agenda nos próximos doze meses no Congresso Nacional que possa superar a pauta da reforma da Previdência. “Não adianta discutir a reforma tributária antes, porque isso significa sair dela (reforma da Previdência), caso o sistema previdenciário não seja redesenhado, com soluções que envolvam aumento de alíquotas, porque o déficit da Previdência vai continuar crescendo entre R\$ 40 bilhões a R\$ 50 bilhões por ano”, disse na abertura do ENAIQ.





Carlos Alexandre Da Costa
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto



Rodrigo Maia
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

O deputado também elogiou a agenda do governo Michel Temer, que promoveu mudanças como a reforma trabalhista, o regime de terceirização, a mudança de taxas de juros do BNDES, o retorno dos leilões do pré-sal e, finalmente, a PEC dos gastos, como outra parte da base inicial para sustentar um período de recuperação. “Pela primeira vez, com o teto de gastos, a prioridade para tentar acertar as contas foi pelo lado das despesas e não com o aumento da receita, por meio de impostos”, disse. Segundo Maia, “o Estado gasta hoje quase 100% do seu orçamento primário com despesas obrigatórias, portanto não tem dinheiro para investimentos, que levam apenas R\$ 30 bilhões de um orçamento de R\$ 1,3 trilhão”.

Carlos Alexandre da Costa começou sua apresentação garantindo uma pauta menos intervencionista e de maior diálogo com o setor produtivo. “Queremos diminuir o tamanho do Estado, que entupiu os mecanismos de criação de valor da sociedade com burocracia e ineficiência, para abrir espaço para a iniciativa privada, a verdadeira responsável pelo crescimento do País”, disse. Para o economista e ex-diretor do BNDES, a pauta será combater o Custo Brasil, as altas taxas de juros, a ineficiência regulatória e burocrática do País.

O futuro secretário geral de Produtividade e Emprego, que estará subordinado à pasta do Ministério da Economia, destacou como prioridade do governo

do presidente Jair Bolsonaro o aumento da produtividade média do trabalhador brasileiro, que hoje equivale a 22% em comparação com o trabalhador norteamericano, depois de já ter sido de 40% na década de 1980. Ainda, de acordo com ele, a meta, que deve envolver a criação de um plano nacional de qualificação de capital humano, visa pelo menos em cinco anos elevar a produtividade para 30% em comparação com a norteamericana.

A preocupação com a qualificação, explica Costa, tem a ver com o fato de que a cada 1% de ganho de produtividade, há o reflexo positivo de 1,6% de aumento no PIB. “Com o patamar almejado de 30%, o País crescerá 6,5% ao ano”, disse. Para a equipe econômica do novo governo, portanto, trata-se de ação considerada basilar para melhorar o desempenho econômico prometido, que envolve meta de crescimento do PIB de 3,5% em 2019 e a partir daí acima de 5%. “E o crescimento do PIB via aumento de produtividade não gera inflação, ao contrário de quando ocorre pelo estímulo ao consumo”, apontou Costa.

O futuro secretário ainda lembrou de outras demandas a serem enfrentadas. Para começar, ressaltou a urgência de resolver os problemas de infraestrutura. “Hoje temos 32% do PIB em ativos de infraestrutura e esse número já foi de 68%”, afirmou. O próximo governo aposta no capital privado para complementar os investimentos em infraestrutura.

Por fim, segundo o futuro secretário, outro pilar fundamental será enfrentar monopólios que atrapalham o investimento privado, sobretudo de entes públicos, inclusive da Petrobras. Nesse ponto, além de um plano de privatização ambicioso, Costa também se referiu ao modelo de cobrança de impostos do próprio Estado. “Temos um manicômio no Brasil de pagamento de impostos, em que uma indústria gasta em média 1,9% da sua receita apenas com burocracia para pagá-los”, disse. Segundo ele, a secretaria a seu comando criará indicadores para medir as ações de desobstrução à produtividade, que incluirão medidas de desburocratização.

A fala do futuro secretário veio de encontro às demandas do setor químico, expostas pelo presidente do Conselho Diretor da Abiquim, Marcos De Marchi, pouco antes do discurso de Carlos Alexandre da Costa. O executivo lembrou que, apesar de o Brasil ter o mesmo perfil dos Estados Unidos, com grande mercado consumidor, indústria forte e fartos recursos naturais que são a base para a matéria-prima da indústria química, os investimentos norte-americanos previstos para o setor químico nos próximos cinco anos somam mais de US\$ 200 bilhões, contra apenas US\$ 5 bilhões no Brasil. A discrepância, para De Marchi, se relaciona com “a burocracia excessiva, cargas tributárias das mais injustas do mundo e gastos públicos sem controle que sufocam a liberdade de empreender das nossas empresas”.



Um Outro Futuro é Possível



Marcos De Marchi

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

O presidente do Conselho Diretor da Abiquim, Marcos De Marchi, apresentou ao público do ENAIQ o estudo da Abiquim feito em conjunto com a consultoria Deloitte, chamado “Um Outro Futuro é Possível”, que contém 73 propostas de melhorias para a indústria química, em seis dimensões (matéria-prima, energia, logística, comércio exterior, indústria 4.0 e regulação). Segundo De Marchi, desde o primeiro turno, quando a Abiquim apresentou o estudo a todos os candidatos ao cargo presidencial, a receptividade às propostas se mostrou elevada.

Carlos Alexandre da Costa, aliás, disse em sua apresentação que a equipe de transição, analisando o estudo, trabalha com algumas prioridades, entre as 73 propostas. “Não vai dar para fazer tudo, por isso pedimos até mesmo para vocês priorizarem as ações mais urgentes”, disse. Nesse ponto, a Abiquim já adiantou três pontos principais comunicados à equipe, todos ligados à garantia de suprimento e competitividade das

matérias-primas. O primeiro seria usar o gás e o óleo da União para a realização de leilões para o refino e petroquímica; o segundo, adotar uma política para o gás matéria-prima; e o terceiro, não permitir que os líquidos do gás natural do pré-sal sejam queimados, já que há um pleito das produtoras de óleo de vender o gás sem tratamento, sem aproveitar as correntes de etano, propano e butano, que são utilizadas na transformação em produtos petroquímicos.

Segundo De Marchi, é prioridade também o País ter matéria-prima com preços iguais aos de países que produzem petróleo e gás, ao contrário do que ocorre hoje: por conta do monopólio de fato do setor de óleo e gás, o Brasil possui a nafta mais cara do mundo e o gás com preço três vezes maior do que o norte-americano. Seria fundamental ainda, dentro das propostas do estudo, a ampliação dos modais de transporte, com uso de cabotagem e ferrovias e melhorias dos portos.

A implementação das sugestões do estudo, na avaliação do presidente do Conselho Diretor da Abiquim, não significa que a indústria pleiteia proteção. “Não tememos a abertura comercial, caso ocorra ela só precisa ser responsável e inteligente, nos moldes da que foi proposta ao Mercosul, quando 64 produtos ficaram isentos de impostos de importação por conta da não-produção local”, disse.

Para De Marchi, a prova de que o setor está preparado para a competição global é o fato de os produtos químicos no Brasil terem alíquota média de importação de 7%, contra até 35% de outros setores da economia nacional. “Estamos no mesmo nível das alíquotas da União Europeia, com a diferença que não temos barreiras não-tarifárias como os europeus”, disse. Ao se considerar o regime de drawback e as preferências comerciais via acordos, aliás, De Marchi disse também que as alíquotas no Brasil são ainda menores, de 3,5% a 4%.

Para o executivo, essa competitividade só não se reflete no comércio exterior por conta do Custo Brasil, que torna os produtos químicos nacionais caros no mercado internacional e por causa da pressão de importados no mercado interno. Não à toa, em 2018, o País elevará o déficit na balança comercial de produtos químicos para próximo de US\$ 30 bilhões, por exportar US\$ 14 bilhões contra US\$ 43 bilhões de importação. “O resultado ainda é desastroso, 36% dos produtos químicos consumidos no País são importados, mesmo com nossas fábricas operando com até 25% de ociosidade”, disse.

Se as 73 propostas do estudo forem implementadas ao longo do tempo, a expectativa é que ocorra aumento de 20% do PIB da indústria nesse próximo governo, dobrando de tamanho até 2030 e resultando em um incremento acumulado do PIB no período de US\$ 230 bilhões. Essa riqueza adicional pelo setor vai gerar mais de 220 mil novos postos de trabalho até 2030 de elevada qualificação. “E mais US\$ 60 bilhões de dólares de impostos recolhidos”, completou De Marchi.



Depois de três anos de crise econômica, setor volta a registrar crescimento



Fernando Musa

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Na abertura do ENAIQ 2018, ao falar sobre o desempenho da indústria química brasileira, o vice-presidente do Conselho Diretor da Abiquim, Fernando Musa, revelou que, depois de três anos de recessão, o setor voltará a registrar crescimento em seu faturamento líquido, de 20% em real e 5% em dólar, fechando o ano com estimados R\$ 462,3 bilhões ou US\$ 127,9 bilhões.

“O resultado esconde um grande desafio, pois apenas voltamos ao patamar de 2008, ou seja, estamos diante de uma década perdida”, afirmou Musa. Na sua avaliação, os dados indicam ainda que a indústria química brasileira está estagnada. Isso porque há dez anos a participação do setor na economia equivale a uma faixa entre 2% a 2,5%. “Isso, infelizmente, não reflete a demanda e o parque fabril brasileiro, que poderiam gerar uma participação muito maior caso tivéssemos condições de realizar os investimentos”, disse.

Um outro desafio que, para Musa, não fica explícito com o bom resultado de crescimento

de 2018, é o déficit comercial. Com a previsão próxima de US\$ 30 bilhões, o número, que havia caído por conta da recessão para até US\$ 22 bilhões em 2016, volta a crescer e a ficar nos patamares do pico histórico de 2013, quando o déficit foi de US\$ 32 bilhões. “É um quarto do faturamento do setor, vindo de produtos importados, que infelizmente geram renda e emprego no exterior”, lamentou.

Musa, porém, não deixou de ressaltar a importância da indústria química nacional, que ocupa a sexta colocação no mundo, atrás apenas de China, EUA, Japão, Alemanha e Coreia do Sul, com a geração de 2 milhões de empregos diretos e indiretos, salários na média o dobro do resto do setor de transformação e arrecadação de impostos que soma mais de R\$ 55 bilhões por ano.

Nesse cenário, Musa reafirmou a necessidade de o novo governo se ater também à urgência de implantar uma política estratégica para o setor, nos moldes da implantada nos Estados Unidos

em sua recessão na década passada, quando o país usou o shale gas como ferramenta central para recuperar sua indústria. “No nosso caso, temos um mercado interno de 200 milhões de habitantes, o pré-sal com abundância de matéria-prima e energia, a vocação nacional para a energia renovável, o conhecimento e a massa crítica”, disse. “Não há país forte sem indústria química forte”, finalizou Musa.

“No nosso caso, temos um mercado interno de 200 milhões de habitantes, o pré-sal com abundância de matéria-prima e energia, a vocação nacional para a energia renovável, o conhecimento e a massa crítica.”



Fernando Musa



Abiquim apresenta a campanha “Desburocratize a Química”

Em mais um esforço de organização para identificar obstáculos para a melhoria do desempenho setorial, a Abiquim aproveitou o ENAIQ para lançar a campanha “Desburocratize a Química”, por meio de apresentação do presidente-executivo, Fernando Figueiredo. Coordenada pelas diretorias da Abiquim, a campanha contou com a participação de 500 colaboradores, ligados às comissões setoriais da associação, que enviaram várias sugestões para avaliação. Ao fim do trabalho, 23 entraves burocráticos, em cinco áreas de atividades, foram selecionados, os quais geraram propostas regulatórias para remediar os gargalos que causam prejuízos anuais de R\$ 1,5 bilhão ao setor químico.

Conforme lembrou Figueiredo na apresentação, o Brasil ocupa o pouco honroso 109º lugar em um ranking de 190 países, do relatório Doing Business, do Banco Mundial, que avalia o nível de burocracia do ambiente de negócios. “Avaliações como essa, além da dura realidade, foram a inspiração para a campanha, que contará com plano de advocacy e comunicação a ser executado ao longo de 2019 junto ao Poder Legislativo e aos poderes Executivos estaduais e federal. Os 23 entraves foram identificados nas áreas de meio ambiente (11), segurança (1), de relações trabalhistas de saúde, segurança e higiene do trabalhador (5), logística (3), jurídico e tributário (3).

Destaque entre as áreas, o meio ambiente é responsável por R\$ 1 bilhão em custos ao setor, em razão de multas, fábricas interditadas por autuações, sobreposição de licenças de transporte de produtos químicos,

que envolvem exigências nos níveis federal, estaduais e municipais, além das constantes e custosas licenças de operação das plantas. Uma proposta da campanha, por exemplo, é unificar o procedimento no primeiro caso e estender o prazo das licenças no segundo.

“Na China, há apenas uma legislação ambiental. No Chile e no México, há um portal único para licenciamento ambiental, o que prova que não é difícil digitalizar o processo”, disse o presidente-executivo.

Outro exemplo de entrave, considerado absurdo por Figueiredo, diz respeito à atual grade de treinamento para atender normas de segurança, saúde e higiene ocupacional dos trabalhadores, que repete vários cursos com conteúdo igual. O custo dessa ineficiência é de R\$ 190 milhões por ano ao setor.

Segundo Figueiredo, a burocracia e a falta de transparência tiram

competitividade do setor. Como o setor é dependente do transporte rodoviário, há a necessidade de licenças em todas as esferas. Já no caso da navegação de cabotagem, a desordem impede que as empresas saibam o custo final do transporte. “Ao chegar aos portos, não existe transparência na ordem de atracação e aí as empresas precisam pagar demurrage (multa aplicada pelo armador por atraso na devolução de contêiner). “Só no Porto de Aratu, as empresas químicas pagaram em 2016 mais de 180 milhões de reais em demurrage”, alertou.

“Estamos convencidos de que a desburocratização resultará em ganhos para a sociedade brasileira, para as empresas e para o próprio governo, pois se a indústria se tornar mais competitiva, criaremos mais empregos, aumentaremos os lucros e estaremos muito felizes em pagar mais impostos se a carga tributária for mais justa”, finalizou Figueiredo.



Fernando Figueiredo

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Economista Gesner de Oliveira aponta crescimento acima de 3% ao ano no governo Bolsonaro

Para o economista e sócio da GO Associados, Gesner de Oliveira, que fez palestra sobre as perspectivas para a economia com o novo governo federal, o Brasil pode ter crescimento médio de 3,4% no período do mandato do próximo presidente. Para o consultor, o investimento em infraestrutura, com demanda reprimida, pode ter papel crucial na retomada do crescimento e envolveria aportes de R\$ 135,4 bilhões.



Gesner Oliveira
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

“Não chega a ser um crescimento brilhante, longe do que ocorreu na década de 1980, mas é interessante perto do que ocorreu nos últimos 25 anos”, disse Gesner.

O economista também chamou a atenção em sua palestra para a necessidade de sincronizar uma possível abertura comercial, no perfil liberal da equipe econômica do governo do presidente eleito, com a implementação das reformas estruturais.

“A abertura precisa ser gradualista e planejada para não ser destruidora, em prejuízo da economia, como ocorreu na década de 1990”, disse. Antes da abertura, continua, há necessidade de combater o Custo Brasil, com as reformas estruturantes, para não pegar as empresas desprotegidas. Nesse ponto, a urgência novamente é a reforma previdenciária, que teria condições de, caso implementada, solucionar o déficit primário apenas no último ano do Governo Bolsonaro, segundo sua previsão. Para a GO Associados, a taxa básica de juros em 2019 deve ser de 6,50%, caindo a partir daí para 6% (2020), 5% (2021) e 4,75% (2022). A inflação, pelo IPCA, ficaria na previsão em 4,22% no próximo ano, em 4% em 2020 e 2021 e em 3,50% em 2022.



Adriano Pires
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Para Adriano Pires, pré-sal pode ser a redenção da indústria petroquímica

O sócio-fundador e diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires, afirmou em sua palestra no ENAIQ que o pré-sal vai representar para o Brasil o mesmo que o shale gas representou para a indústria petroquímica norte-americana, cumprindo um papel de redenção da economia. “O Brasil vai ser a maior fronteira de exploração de óleo e gás do

mundo nos próximos anos”, disse. A previsão é a produção de petróleo passar dos atuais 2,5 milhões de barris por dia para 5,2 milhões de bpd em 2026, com crescimento anual de 7,5% ao ano.

“Apenas nos campos do pré-sal de Carcará (SP) e Pão de Açúcar (RJ), a expectativa é a de haver a disponibilidade adicional de 40 milhões de m³ por dia de gás natural associado, o que é mais do que uma Bolívia”, afirmou Pires. Para o setor químico isso é especialmente importante, continua o especialista, tendo em vista a importância do gás para o setor, como combustível e matéria-prima.

Aliás, para Pires, o aproveitamento da alta disponibilidade de gás do pré-sal precisaria seguir o mesmo

caminho adotado pelos Estados Unidos com o shale gas. “É errado focar o uso do gás apenas ou principalmente para geração elétrica, com termoeletricas”, disse. Segundo ele, é necessário criar um ciclo similar ao norte-americano, no qual o primeiro o shale gas foi usado em usinas térmicas, depois teve sua aplicação expandida na petroquímica e em seguida no setor de transportes, como GNL (gás natural liquefeito) combustível. “Caso contrário, o gás excedente vai acabar sendo exportado, porque se não houver mercado interno os produtores vão escoar o gás natural por meio de plantas de liquefação para exportá-lo como GNL.

Outra sinalização positiva para o futuro apontada por Pires é o plano de quebra de monopólio no refino pela Petrobras, através de

privatizações de refinarias, que seria benéfico para o setor químico e petroquímico. Segundo ele, há uma tendência de maximização das refinarias no processamento de produtos leves, como gasolina, naftas, GLPs e não mais nos pesados, como diesel, que vêm sofrendo a concorrência internacional de produtos como o GNL.

“Com o desenvolvimento do pré-sal e sua participação cada vez maior na produção de petróleo, que hoje é de 56%, a oferta doméstica será de mais óleo leve. Portanto, as refinarias privadas, que vão reduzir o atual monopólio de 99% da Petrobras, vão se adaptar para receber o óleo mais leve do pré-sal para produzir, via destilação fracionada, e assim produzir mais nafta, fundamental insumo da petroquímica”, afirmou.



Economia circular para os plásticos

O coordenador da Comissão Setorial de Resinas Termoplásticas (Coplast) da Abiquim, Edison Terra Filho, anunciou durante o ENAIQ um compromisso ambicioso: reutilizar, reciclar ou revalorizar 100% das embalagens plásticas até 2040. Antes disso, em 2030, a meta definida pelos associados que formam a Coplast – Braskem, Dow, Innova, Petroquímica Suape, Sabic, Unigel e Unipar Indupa – é chegar a 50% de reaproveitamento.

“São metas ambiciosas, mas possíveis”, afirma Edison Terra, coordenador da Comissão Setorial de Resinas Termoplásticas. “Nós queremos dialogar com todos os setores que integram as inúmeras cadeias produtivas onde o plástico é utilizado. Se de um lado os benefícios do plástico para a humanidade são insubstituíveis, por outro, a gestão de resíduos é uma questão complexa”, ressalta o executivo.

O compromisso assumido pelos produtores de resinas termoplásticas associados à entidade tem o objetivo de promover e ampliar o alcance da economia circular nas embalagens plásticas, que demandará o esforço conjunto dos diferentes elos da cadeia do

plástico, governo e sociedade. Ao assumir essas metas, as empresas ampliam o compromisso firmado no Programa Atuação Responsável®, ação voluntária da indústria química mundial de melhoria contínua nas áreas de saúde, segurança e meio ambiente.

Além das metas de 2030 e 2040, o compromisso também envolve a adoção até 2020, pelas associadas produtoras de resinas, das melhores práticas do “Manual Perda Zero de Pellets”, que teve como base o programa International Operation Clean Sweep, criado para atender uma das metas do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 14 (ODS-14) de até 2025 prevenir a poluição marinha.

A adoção de um compromisso com a economia circular dos plásticos pela indústria química brasileira segue a tendência mundial do setor. A American Chemistry Council (ACC), a associação de fabricantes de plásticos da Europa, Plastic Europe, e a Asociación Nacional de la Industria Química (ANIQ), do México, já tornaram públicos seus compromissos com metas semelhantes.

A Abiquim e suas associadas têm consciência de que, para o sucesso do Compromisso, é necessário o engajamento de toda a cadeia produtiva, sociedade e governo e convidam outras associações, entidades setoriais e empresas a participarem dessa iniciativa em prol da sustentabilidade.



Edison Terra

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Frente Parlamentar da Química tem novo presidente



Alex Manente

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto



João Paulo Papa

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto



Orlando Silva

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Foi anunciado durante o ENAIQ o novo presidente da Frente Parlamentar da Química (FPQuímica), o deputado federal Alex Manente (PPS/SP), que sucederá o deputado João Paulo Papa (PSDB/SP), que ocupou o cargo no biênio 2017-2018.

Manente enfatizou em seu discurso o compromisso de garantir a segurança jurídica dando solidez e continuidade aos investimentos do setor e elogiou o papel do deputado João Paulo Papa na liderança da frente, que reúne 232 congressistas.

O novo presidente enfatizou que a prioridade em sua liderança da FPQuímica será dar condições para promover o desenvolvimento sustentável da indústria química criando condições para aumentar a competitividade da indústria, atrair mais investimentos para o país e especialmente gerar

empregos, que é o grande desafio do país atualmente. “Precisamos debater problemas complexos, fazendo com que a matéria-prima produzida no Brasil seja barateada e utilizada no País de maneira adequada”, disse.

Em seu discurso, por sua vez, o deputado João Paulo Papa lembrou da resistência da Frente para garantir a segurança jurídica para os investidores e lembrou diversos outros entraves que prejudicam a competitividade da indústria brasileira no mercado internacional.

Papa ressaltou como avanços recentes da FPQuímica a inclusão do artigo 3º na MP 811 para criação de leilões específicos de óleo e gás da União no pré-sal para refino e petroquímica, garantindo que a riqueza nacional seja utilizada pela indústria brasileira, ao invés de exportarmos matéria-prima

e importarmos produtos com valor agregado. Papa também lembrou o esforço para acelerar a aprovação de projeto de lei (PL-2079/2015) do deputado Jerônimo Goergen (PP-RS), que inclui no rol de crimes hediondos o roubo, furto, receptação e contrabando de defensivos agrícolas, que está em fase final de aprovação.

O deputado João Paulo Papa foi oficialmente homenageado durante o ENAIQ, com a entrega de uma placa de agradecimento, pelo presidente do Conselho Diretor da Abiquim, Marcos De Marchi.

O deputado Orlando Silva (PCdoB/SP) destacou a união entre parlamentares de diferentes partidos e o trabalho realizado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, para haver um pacto pelo desenvolvimento da indústria nacional e consequente geração de empregos e riqueza para o país.



Vencedores do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia são anunciados no ENAIQ



Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia - Categoria Start Up
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

e sustentável. O prêmio foi recebido pelo diretor da empresa, Rafael Celuppi.

Na categoria 'Empresa' a vencedora foi a Oxitenos pelo projeto: "Novos sensoriais para cuidados com a pele utilizando emolientes verdes multifuncionais", que tem o objetivo de desenvolver novos sensoriais para o cuidado com a pele por meio de ésteres emolientes baseados em matérias-primas de origem renovável. O prêmio foi recebido pelo diretor-superintendente da Oxitenos, João Benjamin Parolin, e a assistente técnica da área de Home e Personal Care da Oxitenos, Alexandra Pezzolo Pavanelli Sartori.



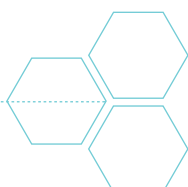
Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia - Categoria Pesquisador
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia - Categoria Empresa

Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Durante o evento, também foram anunciados os vencedores do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia. O vencedor da categoria 'Start-up' foi a Kemia Tratamento de Efluentes pelo projeto: "Reatores eletrolíticos para o tratamento de efluentes industriais, de aterros sanitários e esgoto", que tem o objetivo de desenvolver uma solução para o tratamento de efluentes utilizando tecnologias verdes de eletro-oxidação e eletrofloculação, para tornar o processo mais eficaz, ambientalmente correto, de simples operação, econômico

Já na categoria 'Pesquisador' os vencedores foram: o pesquisador de pós-doutorado do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), Thenner Silva Rodrigues; os pesquisadores sêniores do IPEN, Marcelo Linardi e Fabio Coral Fonseca; os alunos de iniciação científica do IPEN, Arthur Brucoli Leme de Moura e Felipe Anchieta e Silva; o pesquisador de pós-doutorado do Instituto de Química da USP (IQ-USP), Anderson Gabriel Marques da Silva; o pesquisador associado do IQ-USP, Pedro Henrique Cury Camargo; e o aluno de iniciação científica do IQ-USP, Eduardo Guimarães Candido, pelo projeto "Produção de hidrogênio a partir da reforma a vapor do etanol na presença de um novo catalisador altamente estável baseado em nanofios de óxido de cério e samário contendo níquel", para abastecer o mercado consumidor formado por empresas dos setores de energia, química, petroquímica, siderurgia, alimentos, cerâmica e eletrônicos, oferecendo uma alternativa de menor custo e menor impacto ambiental. O prêmio foi recebido pelo pesquisador Thenner Silva Rodrigues.





Olimpíadas de Química
Créditos: Abiquim/Divulgação - GrupoPhoto

Olimpíadas de Química

Também foi realizada a homenagem aos estudantes medalhistas dos vários níveis das Olimpíadas de Química realizadas este ano. Foram homenageados os estudantes: Gabriel Stephano dos Santos, Lucas de Souza de Oliveira, Pedro Theodoro Capella, Orisvaldo Salviano Neto e Vinícius Figueira Armelin. A entrega das medalhas aos alunos foi feita pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia.

Presidência Executiva

Fernando Figueiredo

Presidente-Executivo

Áreas

Andrea Carla Barreto Cunha

Diretora de Assuntos Técnicos

Denise Mazzaro Naranjo

Diretora de Assuntos de Comércio Exterior

Fátima Giovanna Coviello Ferreira

Diretora de Economia e Estatística

Marina Rocchi Martins Mattar

Diretora de Relações Institucionais e Sustentabilidade

Camila Matos

Gerente de Comunicação

César Augusto da Costa Lima

Gerente de Planejamento, Gestão de Pessoas e Finanças

Éder da Silva

Gerente de Assuntos de Comércio Exterior

Fernando Correia de Moraes Tibau

Gerente de Inovação e Assuntos Regulatórios

Luiz Shizuo Harayashiki

Gerente de Gestão Empresarial

Braskem

Dow

suatrans
ATENDIMENTO EMERGENCIAL
GRUPO AMBIPAR

UNIPAR

PATROCÍNIO OURO

CESARI

Elekeiroz
A tecnologia que você precisa

Ingevity

Nouryon

OXITENO
Sustentável por natureza

SOLVAY

PATROCÍNIO PRATA

BASF
We create chemistry

DETEN
QUÍMICA S.A.

COSMIL
TERMINALS

EASTMAN

innova

Nitro Química

UNIGEL

WHITE
MARTINS

REALIZAÇÃO

ABIQUM

Atuação Responsável
Compromisso com a sustentabilidade

Expediente

Gerência de Comunicação da Abiquim

Produção: Camila Matos,
Marcelo Rijo Furtado,
Ricardo Ueno

Imagens: Grupo Photo

Produção de arte e editoração:
Agência To Think

Jornalista Responsável: Camila
Matos. MTB: 46828/SP